

The cover art features a central figure, a woman with white hair wearing ornate green, blue, and gold armor with a white fur trim and a blue cape. She is looking upwards towards a massive stone structure. The structure has a large lion's head carved into its facade. On the upper levels of the structure, several soldiers in red and gold armor are visible. At the top center, the 'World of Warcraft' logo is set against a glowing orange and red circular background. Below the logo, the text 'THE WAR WITHIN' is written in a smaller font. The overall scene is set against a bright, hazy sky.

WORLD  
WARCRAFT  
THE WAR WITHIN

CORAÇÃO DA TERRA

DE ADAM CHRISTOPHER

2  
ECOS do PASSADO





“**N**ão me importa quem você é”, disse o guarda. “Não pode entrar com *ele*.”

Jaina e Thrall pararam diante dos portões de Stromgarde. Havia anos que ela não visitava o baluarte, e não se lembrava de a entrada ser tão imponente.

Com certeza não costumava ser tão hostil.

Havia seis guardas no portão — soldados de Stromgarde, não da 7ª Legião —, e acima, nas torres que flanqueavam a entrada, mais seis armados com bestas apontadas diretamente para eles.

Jaina tentou manter a calma, mas era difícil. A caminhada até a cidade havia sido lenta, e ela tinha consciência de que a força de Thrall estava sendo gradualmente drenada pelo veneno da flecha. Naquele instante mesmo, diante dos portões, ele se apoiava nela com a cabeça baixa e a respiração difícil.

“Estamos aqui para ver Lady Marran Matatroll!” Jaina elevou a voz e olhou para os guardas nas torres, na esperança de que talvez um deles desse mostras de bom senso. “Meu nome é Jaina Proudmore, Lorde-almirante do reino aliado de Kul Tiraz. Este é Thrall, orc representante do Conselho da Horda, e está gravemente ferido. Nós *dois* estamos aqui sob ordens de Danath Matatroll em uma missão de paz, e temos assuntos

urgentes a tratar com sua regente. *Exijo que abram os portões!*"

O guarda à frente apenas balançou a cabeça.

"Você não está entendendo", disse Jaina entredentes, com o cajado brilhando enquanto ela canalizava o arcano. "Meu pedido de permissão é apenas uma cortesia..."

Ela sentiu a mão grande e gentil de Thrall em seu braço. "A mensagem de Danath pode não ter chegado, Jaina."

Jaina respirou fundo para argumentar, mas Thrall se afastou dela. "Temos um trabalho a fazer, e eu estou atrapalhando." Ele assentiu para o guarda. "Não cometa um erro hoje. A Lorde-almirante está aqui para se encontrar com sua regente. Sugiro que a deixe entrar."

O guarda permaneceu firme, mas algo se movimentou atrás dele, e, quando Jaina olhou para cima, viu que havia um soldado a menos na muralha. Pouco depois, ouviu-se o som de correntes pesadas e madeira rangendo.

Jaina respirou aliviada e relaxou a mão que segurava o cajado. *Alguém* estava disposto a ouvir, pelo menos. Quando os portões começaram a se mover lentamente, ela se virou para Thrall, pronta para levá-lo, mas ele balançou a cabeça.

"Vá você", ele disse.

Jaina franziu o cenho. "Thrall, você precisa de ajuda. Não posso deixá-lo."

"Sou *eu* que vou deixar *você*", retrucou ele. "E vou conseguir ajuda, mas não aqui. Vou para a Ruína do Martelo. Aggra já deve ter falado com Geya'rah a essa altura." Ele acenou para os portões abertos. "Fale com Lady Marran. Lembre-se da nossa missão."

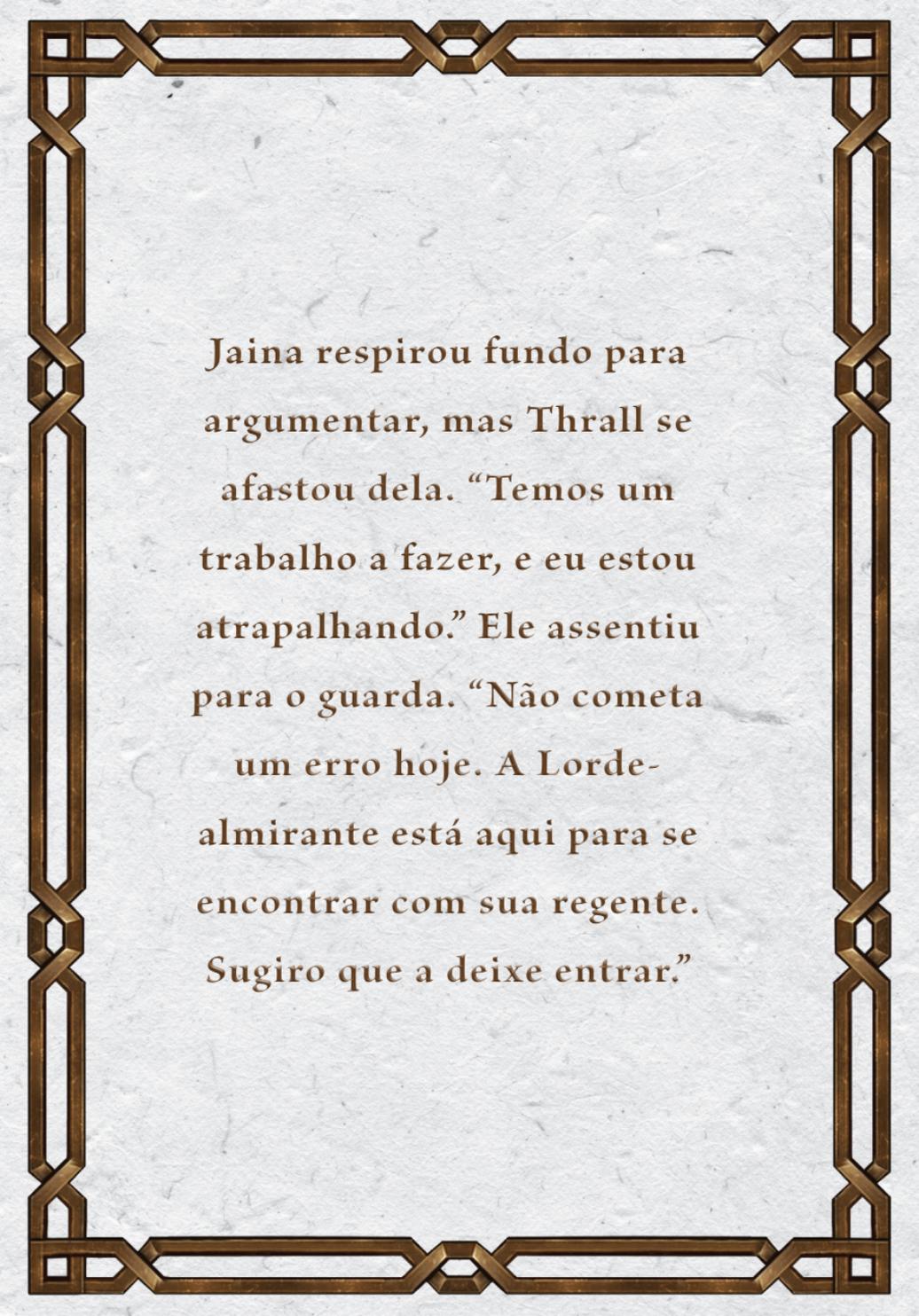
Jaina suspirou, virando-se quando o guarda de cima — claramente alguém com mais patente e bom senso do que o companheiro — apareceu diante dela.

"Siga-me", disse ele.



Assim que atravessou os portões de Stromgarde, Jaina sentiu os olhos de toda a cidade observando-a.

Estava movimentado, sem dúvidas — e não era apenas a 7ª Legião Auxiliar que estava ali. A maior parte do exército, os soldados uniformizados, enchia as ruas, aparentemente superando a população em número. Apesar da agitação, parecia que



Jaina respirou fundo para argumentar, mas Thrall se afastou dela. “Temos um trabalho a fazer, e eu estou atrapalhando.” Ele assentiu para o guarda. “Não cometa um erro hoje. A Lorde-almirante está aqui para se encontrar com sua regente. Sugiro que a deixe entrar.”

os negócios normais da cidade estavam paralisados, com lojas, estalagens e casas não apenas fechadas, mas com tapumes, como se Stromgarde estivesse se preparando para enfrentar uma grande tempestade. Os cidadãos que estavam na rua pararam para observar enquanto Jaina e sua escolta passavam.

Todos pareciam assustados — talvez uma reação comum à batalha travada do lado de fora dos muros, embora Jaina tenha percebido que havia algo estranho acontecendo. O povo se dispersou diante dela, arrastando crianças e batendo portas e janelas como se *ela* fosse o inimigo.

*Temei a filha do mar.*

A lembrança infeliz invadiu a mente de Jaina, que a afastou imediatamente, mas não ajudou em nada a melhorar seu humor.

Logo chegaram à bastilha, cujas portas se abriram assim que eles se aproximaram. Dois legionários corpulentos apareceram, seguidos por uma mulher pequena com uma armadura mais elegante, mas muito menos protegida. Talvez ela tivesse quarenta anos, idade suficiente para saber dos muitos perigos que Stromgarde havia enfrentado durante a vida de Jaina, e carregava esses fardos na intensidade dos olhos e na tensão dos lábios.

“Lorde-almirante”, começou Marran Matatroll, com os braços cruzados para trás. “Agradeça a Thoradin. Temos poucos aliados nesta terra e somos gratos por seus conselhos.”

Jaina franziu o cenho, tentando avaliar a mulher. “Sim, minha senhora”, disse ela. “Venho de muito longe para conversar com você. Danath disse...”

“Não temos muito a oferecer em termos de hospitalidade”, disse Marran, interrompendo Jaina, “mas qualquer filho de Arathor é bem-vindo dentro de nossos portões. Siga-me, por favor.”

Com isso, a regente virou-se e atravessou as portas para entrar na bastilha.

Ajustando a mão no cajado, Jaina a seguiu.



“Estou bem feliz com sua vinda”, disse Marran enquanto guiava Jaina pelos amplos salões da bastilha. “Para ser sincera, eu esgotei a paciência dos meus servidores tentando encontrar uma solução para essa bagunça.”

Jaina deu um suspiro de alívio — talvez ainda fosse possível resolver a situação. “Fico feliz em ouvir isso. Vamos nos reunir com seu conselho ou ter uma conversa particular primeiro?”

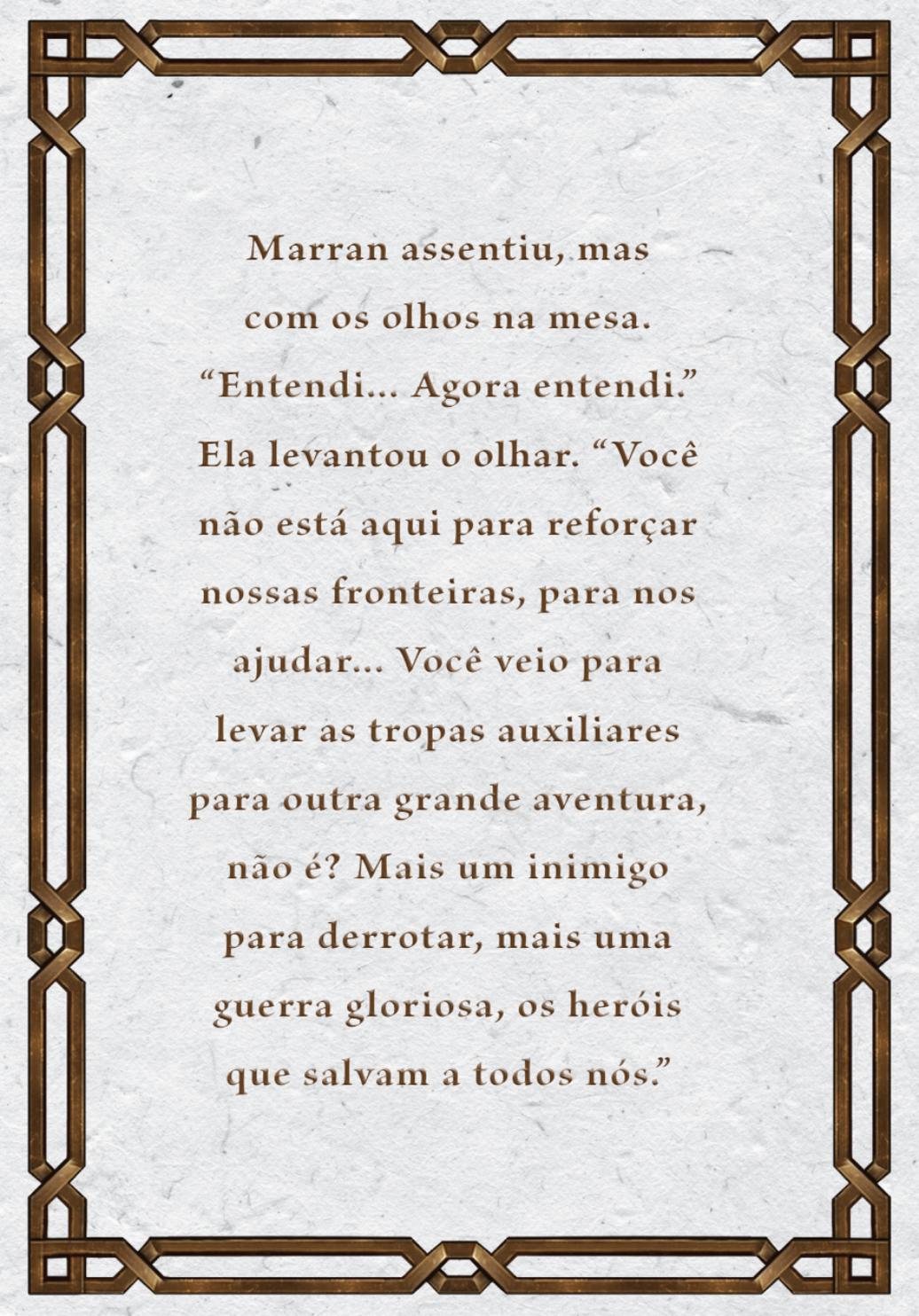
“Vamos conversar antes de convocar os outros”, respondeu Marran, dispensando os guardas enquanto eles abriam a porta de seu gabinete.

“Agradeço sua atenção em relação a esse assunto”, disse Jaina, acomodando-se em uma cadeira de veludo a convite da regente. “O mais urgente é que eu vim com um emissário da Horda, mas ele foi ferido no fogo cruzado de uma escaramuça entre a 7ª Legião e os Kor’kron. Seus guardas não o deixaram entrar, então ele foi para a Ruína do Martelo. Sugiro que comecemos por aí: chamando-o de volta e negociando uma paz que ele possa levar aos Mag’har.” Ela se deteve. “Mas o tempo está contra nós. Há muito o que discutir. Dalaran...”

“Dalaran?” Marran interrompeu. Ela inclinou a cabeça, como se não tivesse ouvido direito. Em seguida, a regente contornou Jaina e sentou-se atrás da escrivaninha em uma cadeira de espaldar alto, mais austera, antes de apoiar os cotovelos sobre uma pilha de pergaminhos. “Sei que você já viu muita guerra, Lorde-almirante. Sei por quanto tempo governou Kul Tiraz.” Ela vasculhou as páginas em sua mesa até encontrar o que procurava. “Mas você sabe de quantos alqueires de grãos seu reino precisa para o inverno?” Ela mostrou outro pergaminho. “Quantos cavalos aram os campos do Vale Trovamar?” Outro pedaço de papel. “O custo de cinquenta quilos de minério de ferro?” Ela balançou a cabeça. “Durante anos, Stromgarde perdeu batalhas demais e se importou muito pouco com seu povo.”

Jaina sentiu o golpe: ela a estava perdendo. “Claro”, disse. “Mas há outra luta no horizonte, e ela ameaça mais do que apenas nossos pequenos reinos. É uma batalha que orcs e humanos devem enfrentar juntos. Lutar uns contra os outros só diminui a força que devemos mostrar unidos. Permita que a 7ª Legião e os Kor’kron lutem lado a lado. E talvez, ao fazer isso, seu povo e os Mag’har cheguem a um acordo, uma paz.”

“Uma paz?”, perguntou Marran calmamente. “Uma paz, enquanto meu povo chora por entes queridos, perdidos para uma violência sem sentido?” Jaina viu que a mulher estava tremendo de raiva, mas precisava continuar. Ela apertou o cajado e inclinou a cabeça em sinal afirmativo.



Marran assentiu, mas  
com os olhos na mesa.

“Entendi... Agora entendi.”

Ela levantou o olhar. “Você  
não está aqui para reforçar  
nossas fronteiras, para nos  
ajudar... Você veio para  
levar as tropas auxiliares  
para outra grande aventura,  
não é? Mais um inimigo  
para derrotar, mais uma  
guerra gloriosa, os heróis  
que salvam a todos nós.”

Marran assentiu, mas com os olhos na mesa. “Entendi... Agora entendi.” Ela levantou o olhar. “Você não está aqui para reforçar nossas fronteiras, para nos ajudar... Você veio para levar as tropas auxiliares para outra grande aventura, não é? Mais um inimigo para derrotar, mais uma guerra gloriosa, os heróis que salvam a todos nós.” A expressão de Marran ficou severa. O coração de Jaina martelou em seu peito enquanto o rubor tomava o rosto da regente, com as palavras quase sibilando entredentes.

“E, sem as tropas auxiliares aqui”, disse Marran, “será a chance dos orcs. Eles matarão toda Stromgarde e ficarão livres para tomar o Planalto.”

Jaina balançou a cabeça. “Como isso poderia...”

Marran gargalhou. “Não deveria me surpreender você vir aqui para me pedir isso. É o que a Aliança faz, pedir que nos sacrifiquemos pelo bem maior. Mas vou lhe dizer uma coisa: nós fomos reduzidos a *nada* enquanto a Aliança ia atrás da batalha seguinte. Eu estou aqui por Stromgarde. Esse é meu povo. A vida deles importa, e eu vou me assegurar disso.”

“Marran, por favor...”

“Eu sou a senhora regente, e é assim que quero ser tratada. Como aliada deste reino, você receberá hospedagem adequada, mas é melhor partir ao amanhecer.”



Naquela tarde, Jaina assistiu da janela de seus aposentos de hóspede enquanto o mensageiro montava em um cavalo e, com uma batida dos calcanhares, partia em direção ao portão principal de Stromgarde com uma mensagem para Ventobravo.

Ela esperava que fosse a decisão certa — sentira-se compelida a escrever para Danath explicando suas preocupações com Marran e pedindo que ele apressasse seu retorno. Mas Jaina estava ciente de que chamar Danath de volta poderia jogar lenha na fogueira de uma situação já instável.

Após o desentendimento com a regente, Jaina foi abruptamente dispensada e levada por uma escolta para seus aposentos — e talvez tenha sido melhor assim. O dia tinha sido longo, e Jaina achava melhor deixar Marran se recompor para que pudessem ter uma discussão mais razoável depois. Enquanto isso, decidiu caminhar pela cidade e ter uma noção da situação por si mesma.

Assim que saiu às ruas, percebeu a tensão no ar, com os cidadãos e a 7ª Legião mantendo distância com olhares cautelosos, para não dizer hostis. Jaina os ignorou. No mínimo, ficar sozinha lhe dera espaço para pensar.

Apesar das preocupações, ela *conseguia* entender a posição de Marran, mesmo que fosse insensata. Stromgarde estava sempre à mercê das forças hostis que a cercavam e tinha sido um importante front de batalha na Quarta Guerra. Jaina sabia muito bem como era herdar um reino em perigo, ter inimigos à espreita em cada esquina e descobrir que o maior aliado da família a havia traído. Marran só estava fazendo o que julgava melhor para seu povo, mas precisava urgentemente de orientação. Jaina esperava que fosse a de seu tio, mas temia que o retorno de Danath a Stromgarde, em vez de acalmar as tensões, acabasse dando início a uma luta pelo poder

No fim das contas, ela escolheu ser prudente e escreveu a carta. Mas, enquanto atravessava a cidade, Jaina se deu conta do pouco tempo que tinha. Danath podia vir, sim, mas talvez chegasse tarde demais. Jaina estava aqui, agora.

Cabia a ela encontrar o caminho certo a seguir.



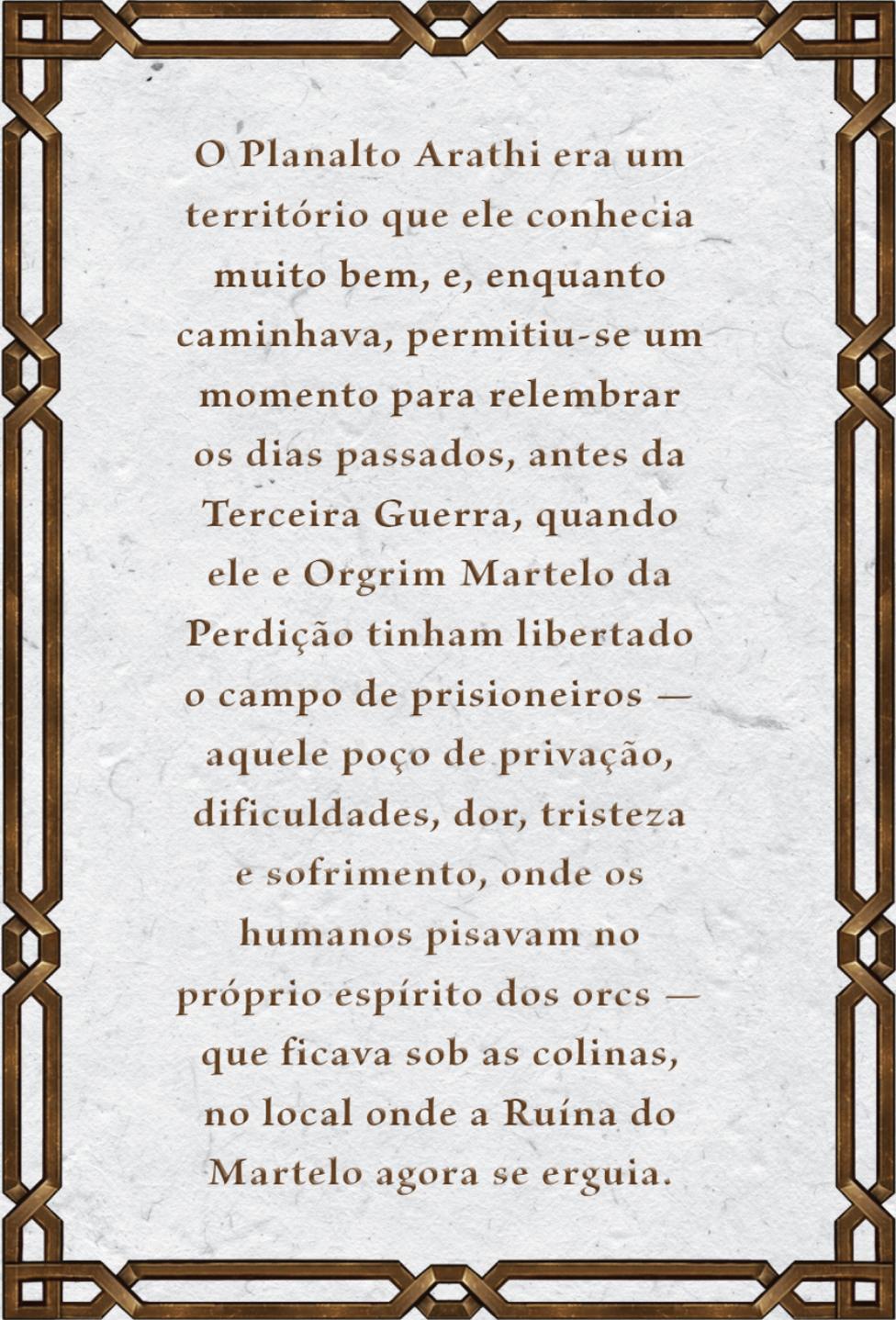
*Um, dois. Um, dois.*

Thrall contou os passos, concentrando-se apenas nisso enquanto atravessava o Planalto Arathi.

*Um, dois. Um, dois.*

Mas ele estava ficando mais lento. Sabia disso. Também sabia que a Ruína do Martelo estava muito longe e que o veneno estava fazendo seu trabalho, drenando suas forças a cada respiração. O braço esquerdo já estava completamente dormente. Ele já sentia a propagação fria do veneno do ferimento, cuja dor pulsava acompanhando os batimentos cardíacos.

Pelo menos, pensou fazendo uma careta, ele sabia aonde estava indo. Conseguiria chegar à Ruína do Martelo de olhos fechados. O Planalto Arathi era um território que ele conhecia muito bem, e, enquanto caminhava, permitiu-se um momento para relembrar os dias passados, antes da Terceira Guerra, quando ele e Orgrim Martelo da Perdição tinham libertado o campo de prisioneiros — aquele poço de privação,



O Planalto Arathi era um território que ele conhecia muito bem, e, enquanto caminhava, permitiu-se um momento para relembrar os dias passados, antes da Terceira Guerra, quando ele e Orgrim Martelo da Perdição tinham libertado o campo de prisioneiros — aquele poço de privação, dificuldades, dor, tristeza e sofrimento, onde os humanos pisavam no próprio espírito dos orcs — que ficava sob as colinas, no local onde a Ruína do Martelo agora se erguia.

dificuldades, dor, tristeza e sofrimento, onde os humanos pisavam no próprio espírito dos orcs — que ficava sob as colinas, no local onde a Ruína do Martelo agora se erguia.

Sim, Thrall conhecia o caminho.

*Um, dois. Um... dois.*

*Um.*

Thrall fechou os olhos com o sangue rugindo em seus ouvidos. Ele se esforçou para continuar andando, mesmo quando o mundo escuro por trás de suas pálpebras começou a girar.

E então... um empurrão em seu ombro, uma mão forte e amiga que o guiava, direcionando-o. Seus companheiros, seus guerreiros, incentivando-o. *Chegue ao acampamento. Liberte seu povo.*

*Sim, Orgrim. Sim, estou te ouvindo!*

Thrall abriu os olhos... e ali, à frente. Ele não estava imaginando, e não estava sozinho. Era Orgrim ali à frente, desaparecendo na elevação seguinte? E ali, ao lado de Thrall, seus soldados, prontos para marchar com ele.

Se ele conseguisse dar pelo menos mais um passo. E outro, e mais outro.

*Um, dois.*

*Um.*

Thrall caiu. Já era noite? Não poderia estar tão escuro. Piscou e esfregou o rosto com a mão que ainda funcionava, mas sua visão estava escura e dançava com faíscas negras.

Formas, movendo-se ao redor dele... orcs? Não. Humanos! Chegando para matar!

Thrall tentou se erguer, mas não teve forças. Ele levantou a mão direita, que se agarrava ao cabo de um machado que não estava lá. Gritou, alertando Orgrim de que haviam sido emboscados, mas de alguma forma não conseguia ouvir a própria voz.

Quando a visão de Thrall se desvaneceu, os humanos correram em sua direção, cercando-o. Thrall gritou pelo amigo, pela Horda. Tentou se levantar novamente, mas o mundo ao seu redor tornara-se um oceano frio e sem fim, e ele se sentiu afundando cada vez mais em suas profundezas.

### SOBRE O AUTOR

*Adam Christopher é o autor bestseller do New York Times de Star Wars: Shadow of the Sith e Stranger Things: Darkness on the Edge of Town. Ele também escreveu romances oficiais para a famosa série de TV da CBS Elementary e para a premiada franquia de videogame Dishonored. Cocriador da encarnação do século 21 de Escudo, super-herói da Archie Comics, Adam escreveu para a série Lazarus, de Greg Rucka e Michael Lark, da Image Comics, e para o universo de Doctor Who, da Big Finish. Colaborador da série antológica de aniversário de sucesso internacional Star Wars: From a Certain Point of View, Adam também escreveu para a HQ Star Wars Adventures, da IDW, voltada para todas as idades. Entre os romances originais de Adam estão Made to Kill e The Burning Dark, e seu romance estreia, Empire State, foi o Livro do Ano da SciFi Now e do Financial Times.*